

Brasília

pede água

Inaugurado o longo período de estiagem, até novembro Brasília experimentará dificuldades crescentes na manutenção de um serviço público essencial: o abastecimento de água. Os problemas e as respectivas soluções para encaminhar satisfatoriamente o assunto permanecem no limbo administrativo, sem opções viabilizadoras de curto prazo. Ao contrário, pelo que se conhece sobre as alternativas cogitadas, falta o principal. Não há recursos financeiros nem definições técnicas quanto à escolha de novas fontes de abastecimento.

Causa espécie a abulia oficial e das representações políticas do Distrito Federal, mantendo discreta indiferença diante da questão que a esta altura deveria estar aquecendo a opinião pública brasiliense.

A verdade é que estamos em vésperas de situações críticas. O consumo apresenta demanda muito acima da oferta e sua tendência é avançar mais ainda. Breve voltaremos à prática do racionamento e do cerco econômico aos excessos de gastos. Medidas paliativas, enquanto é adiado o enfrentamento do problema e mantida a população ignorante dos altos riscos de desestabilização do centro das decisões nacionais que Brasília sintetiza em sua instância de sede dos Poderes da República.

A União, grande fonte de recursos para suprir a incapacidade financeira do Tesouro local está sem disponibilidades para as necessárias transferências. As operações de crédito junto a organismos internacionais estão sobrestadas. O Distrito Federal, por seu turno, está em posição descendente em seus fluxos de caixa, impossibilitado de gerar reservas suficientes. As tratativas mantidas a respeito não abrem os horizontes para viabilizar economicamente o que precisa ser feito.

Resta aguardar a ultrapassagem dos sinais de advertência que há anos registram um desesperado vermelho, até aqui ignorado pelo grande público e cercado por um silêncio comprometedor.

Adiem-se as soluções. A vez ainda é da procrastinação.